Nicolas Quirion

Jogos de distinção e lógica da exclusão

problematizando o conceito de gentrificação a partir de uma favela urbanizada do Rio de Janeiro

Resumo

Devido ao contraste que imprimem na paisagem da cidade moderna, as favelas do Rio de Janeiro se impuseram no sentido comum como o espaço de exclusão socioeconômico por excelência. Porém, no caso de determinados assentamentos situados em áreas nobres da cidade, as dinâmicas sociais e econômicas parecem cada vez mais emaranhadas com aquelas da cidade formal. A realização de grandes eventos internacionais acelerou a repercussão de fenômenos urbanos globais em certas favelas e alguns desses bairros populares se tornam atrativos para novos tipos de moradores, que tipificamos aqui como "neofavelados". A presença desses indivíduos, frequentemente apresentados como gentrificadores, pode favorecer restruturações das configurações sociais locais. Com base em observações empíricas, são colocadas considerações transescalares no tocante à relação indivíduo-território, estilos de vida e novas formas de segregação urbana.

Favela · Gentrificação · Distinção · Exclusão

Abstract

Due to the contrast they create on the landscape of the modern city, the favelas of Rio de Janeiro imposed themselves in the common sense as the space of socioeconomic exclusion par excellence. However, in the case of certain settlements located in high-value areas of the city, the current social and economic dynamics seem to be more and more entangled with those of the formal city. The realization of major international events in the country stirred up the repercussion of global urban phenomena in certain favelas; and some of these informal popular neighborhoods become attractive to new types of residents, which we classify here as "neofavelados". This presence may provoke restructuring of local social configurations. Based on empirical observations, considerations are posed, in different scales, regarding the relation between individual and territory, lifestyles and new forms of urban segregation.

Favela · Gentrification · Distinction · Exclusion

Artigo recebido em 30/06/2017

INTRODUÇÃO

No seio de uma cidade onde a circulação de bens, ideias e pessoas é fluida e intensa, o senso comum costuma atribuir às favelas uma série de caraterísticas que as distinguem do resto do espaço urbano. Ora estigmatizadas como lócus de pobreza e violência, ora valorizadas enquanto incubadoras de culturas urbanas emergentes ou, ainda, categorizadas como territórios de sobrevivência de certo *habitus* comunitário, as favelas cariocas aparecem embrulhadas por um denso tecido de representações polifônicas; sejam elas produzidas pelas mídias, as artes, os discursos políticos, as narrativas nativas ou, também, as ciências sociais (VALLADARES, 2005). Receptáculos históricos dos excluidos produzidos pela sociedade pós-escravagista e pelo êxodo rural, as favelas nasceram à margem das dinâmicas do desenvolvimento urbano formal e da legalidade, mantendo ambivalentes relações para com os poderes públicos. Depois do abandono do ideal de erradicação que vigorou durante boa parte do século XX, com destruições particularmente numerosas durante a primeira parte da ditadura militar (VALLADARES, 1978), as favelas passaram progressivamente a ser beneficiadas por um esforço incremental de urbanização, ao passo que lhes eram concedidas sérias garantias legais de permanência (GONÇALVES, 2013).

Com o decorrer do tempo, e sob os efeitos dos melhoramentos realizados tanto por parte dos próprios habitantes quanto das autoridades, certas favelas (ou pelo menos determinadas localidades dentro daquelas) foram adquirindo qualidades urbanísticas relativamente satisfatórias, podendo às vezes superar aquelas dos bairros populares periféricos ou de certos conjuntos habitacionais sociais[1]. Sem surpresa, os assentamentos situados no coração da principal zona de concentração de riqueza da cidade, a Zona Sul, foram os que se beneficiaram (proporcionalmente) do maior esforço de urbanização (CAVALLIERI; VIAL, 2012: p.4). Por estarem situadas na vizinhança imediata de bairros nobres, com relativa facilidade de acesso às amenidades da centralidade (emprego, infraestruturas de saúde, de educação ou de lazer, patrimônio natural e cultural etc.), o valor do mercado imobiliário informal em certas favelas conheceu uma progressiva inflação, tanto para aluguel como para compra. Alvos principais da controversa política dita de "pacificação", algumas dessas favelas experimentaram, em um primeiro momento, um melhoramento de certos indicadores de segurança (CANO, 2012). No entanto, a estabilidade e a eficácia desse processo estão hoje fortemente questionadas, com base na crise profunda que afeta o modelo de controle territorial pela força simbolizado pelas Unidades de Polícia Pacificadora (UPP).

Em virtude de tácita convenção social, a moradia nos assentamentos populares informais, genericamente considerados como perigosos e insalubres, parece "vocacionalmente" reservada a pessoas de baixa extração social e costuma ser fortemente repulsiva para categorias mais abastadas. Ora, de alguns anos para cá, a circulação e a instalação de novos indivíduos visivelmente oriundos de meios socioeconômicos relativamente elevados em algumas favelas situadas nas proximidades das centralidades urbanas do Rio de Janeiro (especialmente na Zona Sul, a mais valorizada econômica, cultural e simbolicamente) constituíram um fato chamativo, amplamente comentado pelos mais diversos observadores (GAFFNEY, 2013). Desde uma perspectiva liberal, esse fenômeno emergente deixou conjeturar uma ruptura para com o modelo de segregação em vigor no Rio de Janeiro, baseado na tradicional dicotomia entre "morro" e "asfalto". Em contraste, uma crítica de inspiração mais social vislumbrou nessa progressiva integração das favelas pelo mercado um risco pela permanência dos moradores mais vulneráveis, no seio de assentamentos construídos pelos seus próprios esforços. Entre essa polarização ideológica fundamental e o aporismo imposto pelas escassas possibilidades de controle do mercado imobiliário em territórios onde o poder normativo da lei permanece fraco, poucos estúdios se debruçaram (a nosso ver) sobre o aspecto empírico da questão desde uma perspectiva microssociológica.

Partindo dessa constatação, o presente artigo se articula ao redor de duas perguntas principais:

1) Que fatores socioantropológicos podem repelir ou, ao contrario, favorecer a opção de moradia em favelas urbanizadas por parte de novos habitantes oriundos de um meio socioeconômico considerado como mais elevado?

2) Quais mecanismos de inclusão ou de exclusão podem ser revelados pela instalação de novos moradores em assentamentos informais populares dentro dos quais — não obstante uma aparenta homogeneidade — certas divisões estão previamente inscritas no território?

Longe de querer esgotar as questões em um texto tão breve, optamos por uma abordagem crítica do conceito de distinção elaborado por Pierre Bourdieu (1979) e por aplicar uma leitura localizada dos mecanismos de exclusão intracomunitários desvendados por Elias e Scotson (2000). Para levar a bem essa

1 Para refletir o resultado cumulativo desses esforços incrementais, a Secretaria Municipal de Habitação do Rio de Janeiro adotou o uso de uma nova categoria: a "Comunidade Urbanizada".

tentativa de operacionalização empírica das análises bourdieusianas e elisianas, ancoramos a nossa reflexão dentro de um recorte temporal e territorial limitado. Foi aqui mobilizada parte dos resultados obtidos em uma observação participante desenvolvida com base em uma residência de um ano na favela Pereira da Silva, situada entre Santa Teresa e Laranjeiras (QUIRION, 2015), e prolongada por visitas regulares que continuam até o dia de hoje. Em paralelo, trabalhos de campo ocorreram de forma regular em outras favelas das zonas Sul e Central da cidade. Apesar dos infinitos matizes que foram encontrados, determinamos que as observações e hipóteses tiradas do trabalho na favela Pereira da Silva podiam ter validade além do recorte micro-local em questão. Com base em entrevistas estruturadas e conversas informais, foi assim possível observar a partir desses lugares os efeitos de um momento muito particular do Brasil, que abrange a preparação e a realização da Copa do Mundo de Futebol, em junho e julho de 2014, e das Olimpíadas de agosto de 2016. Com efeito, as "intenções de acumulação de capital em diferentes escalas" (MASCARENHAS, 2015: p.10), fortemente incentivadas por esses tipos de eventos mundiais, se repercutiram também nas favelas.

A SEGREGAÇÃO TERRITORIAL DAS FAVELAS EM UMA PERSPECTIVA BOURDIEUSIANA

Tentaremos aqui entender alguns dos elementos que favorecem a persistência do opróbrio lançado sobre a favela pelas classes superiores. No nosso entendimento, a excepcionalidade da mobilidade de pessoas relativamente abastadas até as favelas não pode ser explicada unicamente pela falta de segurança atribuída a esses espaços: determinismos sociológicos também devem ser considerados. Com efeito, a representação da favela e dos seus moradores por parte do resto da população da cidade cristaliza tensões relativas à estratificação de uma sociedade profundamente desigual.

No Brasil, apesar dos progressos efetuados desde a democratização (e mais particularmente ao longo da última década), os indivíduos que se beneficiam de uma situação econômica elevada e consolidada, capaz de colocá-los em um patamar de conforto e de consumo comparável àquele alcançado pelos países mais ricos, continuam ocupando uma posição demograficamente minoritária[2]. Nessa configuração, se impõe para as camadas mais abastadas a necessidade de defender, seja de que maneira for, os privilégios associados a uma posição social diferenciada. A aquisição e a ostentação de bens de consumo, a opção por uma residência em bairros socialmente mais valorizados, a escolha de uma formação acadêmica ou de uma profissão socialmente valorizada, tanto quanto práticas culturais ou de lazer consideradas como sofisticadas, desempenham para essas categorias um potente motor de diferenciação no espaço social. No plano residencial, nas grandes cidades brasileiras, a preferência pelos condomínios fechados, particularmente notável entre as camadas superiores, revela um reflexo de autossegregação marcado pela intenção de se proteger não somente do crime endêmico, senão também da mera possibilidade de contato indesejável com os mais pobres (CALDEIRA, 2000).

Enquanto isso, a suposta "nova classe média" (NERI, 2010), constituída daqueles que ascenderam à classe de renda C na segunda metade da década de 2000, se encontra lesada pela fragilidade do seu estatuto recém-adquirido. Os seus membros sentem na carne as ameaças que pairam em caso de desaceleração econômica. Existe assim comumente por parte desses indivíduos uma vontade marcada de privilegiar o contato com as camadas sociais mais altas, o que pode favorecer em consequência uma tendência a querer se distinguir, ora dos seus pares, ora daqueles que ficaram associados às categorias ainda mais baixas. Para Jessé de Souza (2010), esse estrato social constituído de "batalhadores" mobiliza através de diversas estratégias um esforço considerável a fim de conseguir um objetivo essencial: "escapar da ralé"[3].

Voltando à análise bourdieusiana, entendemos que, tanto por parte da elite econômica quanto dos "batalhadores", está em ação um jogo de distinção, dinamizado principalmente pelo medo da degradação social. No caso específico do Rio de Janeiro, as relações de dominação socioeconômicas encontram uma materialização emblemática no espaço urbano através da dicotomia imediatamente perceptível (e inúmeras vezes comentada) entre "asfalto" e "morro". Os habitantes dos assentamentos pobres foram relegados pelos dominantes a uma condição de alteridade e de subalternidade radical, territorializando de forma particularmente nítida a questão da pobreza urbana.

Para Bourdieu (1997), o lugar ocupado no espaço social indica uma posição no seio de uma ordem, que

2 Em 2013, o conjunto das classes A e B representava menos de 30% da população do Brasil (Fonte: CPS/FGV a partir dos dados do PNAD/POF/PME/IBGE).

3 Segundo as palavras utilizadas pelo filósofo e teórico social brasileiro Roberto Mangabeira Unger no prefácio à obra de Souza (2010).

pressupõe a distinção e a imposição de uma distância social em relação aos que ocupam posições inferiores. Desde a demolição dos cortiços no âmbito da reforma Pereira Passos no início do século XX, até o ideal de remoção das favelas durante a ditadura militar, passando pela truculência policial e as mais diversas discriminações que atingem até hoje os moradores de favelas, é possível distinguir os esforços de uma elite em prol de uma reafirmação da distância social que a separa dos habitantes de territórios geograficamente próximos. Se por um lado a elite brasileira soube estabelecer ao longo da história do país um modelo singular de relações assimétricas (tanto econômicas como culturais) com as suas populações marginalizadas, por outro, a violência da segregação e da repressão policial que atinge os moradores de certas zonas urbanas precárias também parece sem comum medida no plano internacional[4].

OS DISTINTOS PARADIGMAS DA DISTINÇÃO

A circulação de indivíduos de meios socioeconômicos relativamente elevados dentro das favelas cariocas tem sido rara por causa do medo da violência e dos reflexos de evitamento do contato com as classes populares, fatores que se alimentam um ao outro. No entanto, em anos recentes, o turismo ofereceu uma via paradoxal e fortemente controvertida em favor da valorização simbólica desses espaços. Em contraponto ao universo estandardizado das zonas nobres, a favela surge, com as suas caraterísticas *sui generis*, como uma manifestação paroxística de "autenticidade" que costuma exercer certa fascinação nos visitantes vindos de outras regiões ou outros países. Afirmações como "os verdadeiros cariocas vivem nos morros", ou "a cultura do Rio vem da favela" são clichês batidos, integrados de maneira funcional a narrativas exploradas pelos mais diversos atores e com as mais diversas intenções. A extensão das fronteiras do turismo às favelas no Rio de Janeiro já foi objeto de vários estudos (FREIRE-MEDEIROS, 2009; MORAES, 2017) e costuma causar desconforto na opinião pública, por ser percebida como uma fetichização da pobreza.

Mas como deve ser apreendida a questão da escolha - aparentemente muito mais radical - de uma residência no próprio âmbito da favela por parte de pessoas consideradas exógenas a esse sistema social? Como esses indivíduos que optam por viver na favela (temporariamente ou em longo prazo) lidam com a apropriação do espaço e do imaginário que carrega?

Focaremos sobre um tipo de morador de favela que deve ainda ser considerado como nitidamente marginal e que chamaremos doravante de "neofavelado", em oposição aos moradores tradicionais. Segundo uma primeira definição mínima formulada durante o trabalho etnográfico realizado no morro Pereira da Silva, os "inabituais" novos moradores da favela carioca seriam indivíduos considerados como de classe média ou média alta, com ensino superior completo ou em curso, e que efetuaram uma mobilidade residencial recente até a favela (uma zona menos valorizada, econômica e simbolicamente, do que aquela da qual provêm). Realizaram desse jeito uma mudança de territorialidade socialmente considerada como "de alto para baixo". Essa escolha chama a atenção, pois estamos considerando indivíduos que, a priori, não têm um histórico residencial (pessoal ou familiar) ligado à favela e poderiam, aparentemente, pagar o preço de uma vivenda em um bairro formal. Em diversas zonas da cidade, é de fato possível observar um fluxo contínuo, dinâmico e intenso de estudantes e jovens trabalhadores "de classe média" que se estabelecem dentro de certas favelas. Essa modalidade de moradia lhes permite aproveitar os preços sensivelmente mais baixos dos aluguéis, morando nas proximidades das amenidades urbanas e driblando ao mesmo tempo as dificuldades burocráticas que se apresentam na cidade formal na hora de alugar uma vivenda. As mídias e os discursos habituais designaram os agentes não brasileiros como mais propícios a se encaixarem nessa tipologia (GAFFNEY, 2013); o que pôde ser verificado de maneira empírica no campo, onde a consequente presença de "gringos" é um fato facilmente observável e bem conhecido dos moradores tradicionais. Porém, ficou evidente que a grande maioria desses estrangeiros realiza apenas uma passagem transitória nesse território. Essa experiência é geralmente vivida como positiva, pois existem nas favelas "um calor humano" e sociabilidades mais intensas do que no resto da cidade, como manifestaram a maioria dos informantes.

De fato, nas entrevistas conduzidas com neofavelados (estrangeiros ou não), apareceu em muitos casos que essa escolha residencial não se devia exclusivamente à racionalidade econômica (procura de aluguéis ou bens imobiliários mais baratos), mas era motivada pelo desejo de se integrar a uma dinâmica social percebida como diferente: mais "humana" e "autêntica". Essa constatação permitiu estabelecer

4 Segundo a ONG *Human Right Watch* "A taxa de homicídios cometidos por policiais no Rio foi de 3,9 para cada cem mil habitantes em 2015, quase cinco vezes maior do que a taxa sul-africana, de 0,8 homicídios para cada cem mil habitantes e quase dez vezes maior do que nos Estados Unidos" <https://www.hrw.org/sites/default/files/report_pdf/brazil0716portweb_5.pdf>. Acesso em 5 dez. 2017.

que as escolhas residenciais em questão eram orientadas por um sentido construído em relação a outrem e determinadas em função de um sistema de valor peculiar — podendo, destarte, ser objeto de uma atenção sociológica.

O tipo ideal do neofavelado corresponde segundo as nossas observações a um perfil de pessoa que prioriza modalidades de consumo não associadas à aquisição de bens materiais, tais como viagens e saídas. No que diz respeito ao padrão residencial, os neofavelados parecem ter aberto mão (pelo menos nessa fase das suas vidas) de códigos de distinção próprios ao médio social do qual eles provém. No entanto, o acesso às centralidades urbanas e suas amenidades (cultura, lazer etc.) constitui uma prioridade. Representativos de certa juventude urbana descolada, boêmia e de mente aberta, parecem ter superado certos bloqueios que mantêm duravelmente afastadas das favelas a maioria das pessoas que não vivem nelas. A relativa degradação das suas situações econômicas por causa do forte aquecimento do mercado imobiliário no Rio de Janeiro em anos recentes limitou o acesso deles ao mercado residencial de qualidade superior. Porém, não parecem viver essa situação como socialmente degradante e declaram, habitualmente, certa satisfação de morar em uma favela, com um nível de conforto não forçosamente inferior ao que conheceram em bairros formais.

Se um desejo de distinção decorrente do medo da degradação social constitui um dos fatores que mantêm as classes favorecidas brasileiras longe das favelas, poderíamos contrapor a segurança relativa enquanto um estatuto consolidado de classe média, que constitui uma "norma" para certos indivíduos, em particular aqueles oriundos de países que são (segundo os critérios ortodoxos) economicamente mais avançados[5]. O descompasso que parece existir em relação às representações sobre a favela poderia, segundo essa linha de análise, refletir o leque de gostos e valores socialmente produzidos por meios e sociedades distintamente particularizados. Bourdieu (1979) vinculou de maneira assaz rígida as inclinações por determinadas práticas culturais e de consumo à estratificação que observou na sociedade francesa da segunda metade do século XX. Segundo ele, no jogo relacional da distinção "o bom gosto é quase sempre o desgosto dos gostos dos outros"[6] — e, mais particularmente, dos gostos das classes populares, cuja cultura é considerada não legítima. No entanto, trabalhos mais recentes tendem a oferecer novos desdobramentos às suas conclusões. Notadamente, o sociólogo Bernard Lahire (2004) propõe a hipótese segundo a qual, nas sociedades contemporâneas dos países de capitalismo avançado, os gostos culturais e os estilos de vida seriam antes caracterizados por um pertencimento a múltiplos círculos e subgrupos. Essa fragmentação identitária tenderia a implantar no referencial do indivíduo sistemas de pensamento, de percepção e de disposição mais complexos, qualificados por Lahire de "dissonâncias culturais". Como parte da tensão que existe na vontade de distinção social, existiria, por conseguinte, uma tendência a querer se distinguir dos próprios critérios de distinção habituais dentro do grupo ao qual pertence primariamente o agente. No âmbito desse sofisticado jogo social, as subculturas e os estilos de vida populares deixariam assim de ser sistematicamente estigmatizados; ao contrário, se tornariam fonte de interesse e, às vezes, de cobiça. A qualidade do indivíduo distinguido seria a partir desse momento revelada pela sua capacidade de transitar naturalmente no meio de uma paisagem eclética, formada de práticas culturais e estilos de vida variados. Sem que essa vadiagem ameaçasse um estatuto social consolidado, muitas vezes herdado das gerações precedentes e protegido por um sistema de previdência ainda relativamente eficaz.

Como o vimos antes, a elite carioca apresenta uma tendência à autossegregação que se materializa pela preferência dada aos condomínios residenciais fechados. Nesses espaços, as classes consideradas como inferiores circulam também, mas ficam relegados ao exercício de papéis subalternos, como evidencia a presença de porteiros, zeladores e diversos empregados majoritariamente de pele escura; fato que evidencia a persistência na sociedade brasileira de estruturas herdadas da escravidão. A complacência da elite urbana brasileira na manutenção de modos arcaicos de dominação social pode ser objeto de um julgamento severo, já que revela estratégias de diferenciação social claramente afirmadas, que podem ser identificadas como uma imperdoável "falta de bom gosto". Com efeito, para Bourdieu, a objetivação da

5 Precisamos aclarar nessa etapa que as classes médias e médias baixas dos países considerados como "mais avançados" no caminho de um desenvolvimento ortodoxo experimentam também de maneira tendencial a ameaça da degradação social. Em particular, nos anos recentes, turbulências econômicas têm alimentado nas sociedades ocidentais fortes tensões sociais, reflexos xenofóbicos violentos e acirrados conflitos políticos que traduzem a profunda complexidade do "viver juntos" em sociedades multiculturais, colocando em questão a representação de homogeneidade relativa que se tem habitualmente delas. No entanto, as entranhas dessas sociedades não constituem o objeto do presente estudo e, portanto, não aprofundaremos o assunto.

6 Tradução livre a partir do original em francês *"Le goût est presque toujours le dégoût du goût des autres"* (BOURDIEU, 1984, p. 215)

intenção de distinção constitui uma manifestação do vulgar, denunciando e evidenciando a insegurança de categorias recentemente elevadas a uma condição social superior.

OS EFEITOS SOBRE O TERRITÓRIO: UMA GENTRIFICAÇÃO EM CURSO?

A vinda às favelas de indivíduos mais abastados a fins residenciais não vai sem despertar a preocupação de certos atores locais e observadores externos, que veem nessa aproximação uma ameaça à permanência dos mais frágeis em setores às vezes fortemente valorizadas da cidade, colocando em xeque o direito à cidade dessas populações. Nesse sentido, foi acionado nos últimos anos o conceito de gentrificação pela imprensa, alguns pesquisadores e certa crítica política para tipificar as mutações observadas em algumas das favelas mais "privilegiadas" do Rio de Janeiro; consagrando o morro do Vidigal como caso exemplar. Comentou-se que os recém-chegados adquiriam casas, realizavam obras de melhoramento e exploravam o lugar pelo aluguel de apartamentos ou propondo novos serviços (bar, hotéis, galerias de arte etc.), correspondendo desse jeito ao perfil típico de "pioneiros" de um processo de gentrificação em curso. Essa dinâmica foi então regularmente denunciada como aceleradora do processo de "remoção pelo mercado" denunciado por Neil Smith (1996) como a principal arma da "cidade revanchista". Segundo essa leitura, a chegada de novos moradores mais abastados em um bairro pobre (via locação ou compra de bens imobiliários) contribuiria para o aumento dos preços e, *in fine*, para expulsão mecânica dos residentes mais frágeis rumo a periferias longínquas. Por outra parte, a presença acrescida de categorias socioculturais superiores no âmbito de um bairro popular ou tradicional provocaria uma temível homogeneização dos modos de sociabilidade e de consumo, destrutora das práticas e culturas preexistentes.

No campo, como já foi mencionado, é efetivamente possível observar fluxos dinâmicos de visitantes e residentes de classe média (incluindo um número relativamente importante de estrangeiros) que, às vezes, terminaram comprando bens imobiliários na própria favela. Se a realidade dessa presença é palpável, a falta de dados quantitativos fiáveis impede no momento de medi-la de outra forma que através das apreciações e percepções diferenciadas que cada um tem do fenômeno[7]. Além disso, pesquisas acadêmicas recentes (CUMMINGS, 2013; BONAMICHI, 2016; RIBEIRO, T. F., 2017) ressaltaram as dificuldades que existem em encaixar as evoluções das favelas cariocas dentro de um marco conceitual projetado para estudar dinâmicas próprias dos países nos quais o termo "gentrificação" foi cunhado (tipicamente, os países da Europa ocidental e os Estados Unidos). Simples fatores objetivos e materiais, tais como a instabilidade da situação securitária, a ausência de regularização fundiária e a existência de um estoque limitado e dificilmente aumentável de imóveis podendo oferecer condições de conforto ótimas são suficientes para conjecturar que as favelas continuarão duravelmente repulsivas pelas classes mais abastadas, que podem (no estado atual das coisas) pagar o preço de uma residência em outro lugar.

EXCLUSÃO DOS RECÉM-CHEGADOS POBRES

Durante a observação participante em Pereira da Silva, foi possível estabelecer que a percepção dos moradores tradicionais sobre os turistas e neofavelados que visitavam ou se instalavam na favela era, na maioria dos casos, globalmente positiva. "Dá valor ao morro" e "a favela fica bem vista" eram reflexões comuns na hora de avaliar o impacto da presença de novos habitantes, que todos identificavam espontaneamente como "gringos".

No entanto, em paralelo aos fluxos de turistas e à instalação de neofavelados, principalmente na parte alta do morro (a mais favorecida), certos habitantes tradicionais costumavam se queixar da chegada de novos moradores pobres, que continuavam se instalando na parte baixa da favela (a mais precária), a um ritmo considerado importante. Sem que haja sido possível presenciar algum tipo de ato discriminatório, os recém-chegados pobres eram geralmente alvos nos discursos de certa hostilidade por parte dos moradores mais antigos. Nomeadamente, a parte da favela na qual as famílias menos favorecidas se amontoavam era pejorativamente chamada de "Complexo dos Paraíbas", o que não deixa de surpreender dado que, de fato, grande parte dos moradores do conjunto da favela (inclusive os estabelecidos de longa data), eram igualmente oriundos da região nordes-

7 Retomando a premissa geralmente admitida que esses "gentrificadores" seriam na sua esmagadora maioria estrangeiros, perguntamos a responsáveis do IPP e do SMH se existia alguma variável de nacionalidade nos diferentes censos levados a cabo nos aglomerados subnormais e nas comunidades urbanizadas cariocas, obtendo uma resposta negativa por parte de ambas as instituições.

tina. Segundo as próprias palavras da presidenta da associação de moradores, entrevistada em relação a esse tema:

> Hoje em dia, nós ganhamos nordestinos demais, com quem não há parceria. Eles não têm essa preocupação da união, sabe, é cada um por si. Isso piorou muito, muito mesmo. As pessoas já vêm com costumes de outros lugares, o problema é esse. Se não têm o costume, o hábito de limpeza, de cuidado…

Esse "opróbrio da imundície" (ELIAS, 2000) ligado aos recém-chegados pobres era recorrente nas falas dos moradores mais antigos. Em contraste, esses habitantes das partes mais consolidadas da favela insistiam na faculdade que eles mesmos supostamente tinham de organizar com regularidade mutirões de limpeza. O cuidado e a higiene eram constantemente mobilizados (como que em resposta ao estigma injustamente vinculado às favelas em geral) para o autoenaltecimento do grupo dominante, tornando-se o elemento central do seu carisma grupal.

Semelhantemente ao que descreveram Norbert Elias e John L. Scotson em 'Os estabelecidos e os *outsiders*' (2000), os recém-chegados pobres da favela Pereira da Silva podiam ser vistos como vítimas de um "racismo sem raça". No estudo, realizado durante os anos 1950 em uma pequena cidade do sul da Inglaterra, de nome fictício Winston Parva, os científicos não constataram diferenças significativas de nacionalidade, ascendência étnica, cor, renda, ocupação ou nível educacional entre os residentes de duas das três zonas que estudaram. No entanto, uma das zonas, constituída dos moradores mais antigos (os estabelecidos) mantinha uma coesão baseada no seguimento "das normas comuns capazes de induzir à euforia gratificante que acompanha a consciência de pertencer a um grupo de valor superior, com o desprezo complementar por outros grupos" (Ibid., p.21). Ao contrário, os recém-chegados (os *outsiders*) eram estigmatizados, nomeadamente através das fofocas que circulavam e com as quais "o grupo estabelecido tende a atribuir ao conjunto do grupo *outsider* as características 'ruins' de sua porção 'pior' — de sua minoria anômica". Em contraste, "a autoimagem do grupo estabelecido tende a se modelar em seu setor exemplar, mais "nômico" ou normativo — na minoria de seus 'melhores' membros" (idem).

A configuração social do "nós" e do "eles" constitui por conseguinte o alicerce sobre o qual se desdobra a lógica da exclusão. Contudo, como vimo-lo, na favela Pereira da Silva, nem todos os recém-chegados eram mal recebidos. Efetivamente, os moradores "estabelecidos" não pareciam conceber os turistas e neofavelados como uma ameaça à coesão da comunidade e aos seus valores. Posseiros das suas casas e pouco dispostos a cedê-las, não pareciam tampouco temer a "remoção branca", vaticinada pelos que agitam o espectro da gentrificação nas favelas cariocas. Observadores incansáveis das suas vielas, em constante comunicação uns com os outros através de múltiplos ritos de convivência, interiorizaram provavelmente o caráter transitório da presença dos estrangeiros. Segundo as nossas conclusões, turistas como neofavelados eram apreendidos como uma interessante fonte de renda potencial, seja através do estímulo que provocam no comercio local, da mão de obra à qual recorrem pela execução das mais diversas tarefas, ou ainda dos imóveis que alugam ou compram. Além disso, a simples presença deles parecia ser percebida como permitindo a "valorização" da favela, através principalmente da reabilitação da sua imagem. O aspeto afetivo obviamente não podia ser deixado de lado, e a esse título os indivíduos exógenos à realidade da favela costumavam ser apreciados em função das trocas culturais, dos momentos festivos, das amizades ou ainda das experiências eróticas[8] que podiam proporcionar.

Em resumo, na Pereira da Silva, os "gringos" e neofavelados desempenhavam pelos moradores mais antigos — os estabelecidos — um papel de recurso, de trunfo, que podia ser mobilizado para obter um eventual avanço das suas posições no jogo social local. O legado de capital econômico tanto como cultural que "os de fora" podiam deixar despertava sem dúvida um interesse marcado por parte do conjunto dos moradores da favela, mas apenas os mais favorecidos conseguiam habitualmente usufruir dos benefícios desses. Com efeito, a presença de turistas e neofavelados era concentrada na parte mais urbanizada da favela, onde vivem também os moradores dos grupos dos "estabelecidos".

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora esteja em refluxo desde o final dos grandes eventos e por causa da deterioração das condições de segurança (relacionada à profunda crise do modelo

8 A proposito desse último item, cabe mencionar que — em uma destacável inversão do paradigma colonial — a acessibilidade sexual atribuída à mulher "gringa" era fonte de grandes expetativas por parte da população masculina da favela, lugar onde os "casos" entre moradores são refreados pelo poder quase onisciente da fofoca.

conhecido como "pacificação"), a presença de neofavelados em certas favelas cariocas parece ter deixado uma sedimentação importante. Mas, de qualquer forma, o aspecto quantitativo do problema não deveria ser considerado primordial. Um dos fatores que motivou essa pesquisa foi justamente relevar o fato de que a presença "estrangeira" em determinadas favelas suscitava comentários (por parte da imprensa, dos intelectuais ou até dos próprios moradores) fortemente desproporcional à sua importância real, confirmando que era mais relevante tratar da questão através dos seus aspetos simbólicos.

As favelas próximas às centralidades no seio de uma cidade mundial como o Rio de Janeiro são aqui consideradas um laboratório que permite vislumbrar fenômenos urbanos emergentes. As políticas urbanas e as lógicas de mercantilização da cidade que atingiram a capital fluminense como um todo, inclusive as suas favelas (RIBEIRO, L.C.Q, 2012), podem contribuir com o alisamento paulatino das asperezas que mantiveram determinadas zonas em uma situação de quase confinamento, ocasionando uma intensificação das relações de interdependência entre os diferentes grupos sociais que compõem a metrópole globalizada. Ao perceber o emaranhamento do formal e do informal, identificando os vetores que atravessam esse registro binário da cognição sobre a cidade brasileira, parece possível atingir uma melhor compreensão de situações sociourbanas mais abrangentes.

No entanto, ao examinar o caso desses territórios informais — dotados de caraterísticas arquitetônicas, urbanísticas, jurídicas e sociais *sui generis* -, é preciso redobrar de cautela na absorção da leitura internacional sobre o fenômeno de gentrificação. Se, em pano de fundo, as questões do desenvolvimento (e sua contrapartida em um sistema neoliberal: o subdesenvolvimento) aparecem bastante nitidamente nas recentes evoluções que conheceram algumas favelas da Zona Sul do Rio de Janeiro, a expulsão em grande escala dos mais pobres e sua substituição por indivíduos mais abastados não parecem constituir um risco iminente. Porém, os progressos urbanísticos e sociais observados em determinadas localidades — ocupadas pelos moradores estabelecidos e (marginalmente) pelos neofavelados — poderia ter como corolário o desenvolvimento acrescido de "subfavelas" nos mesmos assentamentos; com ofertas de alojamento locativo de muito baixa qualidade a fim de responder às imperiosas necessidades dos trabalhadores pobres - os *outsiders*. As conclusões provisórias da pesquisa apontam assim para um reforço das dinâmicas de exclusão no próprio âmbito das favelas engajadas em um processo de urbanização avançado e de integração progressiva à cidade formal, devido à existência de configurações sociais que reproduzem, na escala micro, a estrutura socioespacial desigual e excludente das grandes cidades capitalistas.

BIBLIOGRAFIA

BONAMICHI, Nayana Corrêa. **Favela on sale**: regularização fundiária e gentrificação de favelas no Rio de Janeiro. Dissertação (mestrado) – IPPUR/UFRJ. Rio de Janeiro, 2016.

BOURDIEU, Pierre. Efeitos do Lugar. In: Bourdieu, P. (coord.) **A Miséria do mundo**. Petrópolis : Vozes, 1997.

_____. **La Distinction, critique sociale du jugement.** Paris: Editions de Minuit, 1979.

_____. **Questions de sociologie.** Paris: Editions de Minuit, 1984.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora Edusp, 2000

CAVALLIERI, Fernando; VIAL, Adriana. Favelas na cidade do Rio de Janeiro: o quadro populacional com base no censo 2010. **Coleção estudos cariocas.** N° 20120501, IPP/Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, 2012.

ELIAS, N.; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. **Gringo na laje**: produção, circulação e consumo da favela turística. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2009.

GAFFNEY, Christopher. Forjando os anéis: a paisagem imobiliária pré-olímpica no Rio de Janeiro. **Revista Eletrônica de Estudos Urbanos – E-metropolis.** São Paulo, n. 15, ano 4, pp. 15-29, 2013. Disponível em: <http://www.emetropolis.net/download/ edições/emetropolis_n15.pdf>. Acesso em: 29/06/2017.

GONÇALVES, Rafael Soares. **Favelas do Rio de Janeiro.** História e direito. Rio de Janeiro: edições PUC, 2013.

LAHIRE, Bernard. **La Culture des individus.** Dissonances culturelles et distinction de soi. Paris: La Découverte, 2004.

NERI, Marcelo Côrtes (Coord.). **A nova classe média**: o lado brilhante dos pobres. Rio de Janeiro: FGV/CPS, 2010.

MASCARENHAS, Gilmar. Brasil, impactos da Copa do Mundo e das Olimpíadas. Prefácio a Gaffney, Christopher; Ribeiro, Luiz Cesar de Queiroz; Santos Júnior, Orlando Alves dos.

Brasil: os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016. Rio de Janeiro: E-papers, 2015.

MORAES, Camila Maria dos Santos. Um tour pela expansão das fronteiras da favela turística. **Anais II UrbFavelas.** Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017.

QUIRION, Nicolas. **Les favelas des zones centrales de Rio de Janeiro, entre marginalité, ascension sociale, tourisme international et gentrification.** 142f. Dissertação (mestrado) — Universidade Rennes II, Rennes, França, 2015.

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz; OLINGER, Marianna. A favela na cidade-commodity: desconstrução de uma questão social. **Favelas cariocas – ontem e hoje.** Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

RIBEIRO, Tarcyla Fidalgo. Gentrificação nas favelas cariocas? **Anais II UrbFavelas.** Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017.

SMITH, Neil. The New Urban Frontier. Gentrification and the Revanchist City. Londres: Routledge, 1996.

SOUZA, Jessé. **Os batalhadores brasileiros**: nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte: UFMG, 2010.

VALLADARES, Licia do Prado. **A invenção da favela – do mito de origem a favela.com**. Rio de Janeiro: edições Fundação Getúlio Vargas, 2005.

_____. **Passa-se uma casa**: análise do programa de remoção de favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. ■

Nicolas Quirion é mestre em Política, Espaço e Sociedade pela Universidade de Rennes II (França). Doutorando em Planejamento Urbano e Regional pelo IPPUR/UFRJ.
nicoquirion@gmail.com